

19. Nada é impossível a Deus

“Nada é impossível a Deus” (Lc 1,37), diz o anjo a Maria, que, talvez, tenha arregalado os olhos diante da notícia de que sua prima anciã estava grávida de seis meses. Mas Maria imediatamente crê nisso, crê imediatamente no que sempre acreditou: que a Deus tudo é possível. Para crer, basta-lhe saber que, se Deus é Deus, a Ele tudo é possível. Mas é na vivência desta verdade de fé simples e evidente que frequentemente encontramos dificuldade em crer. Que a Deus tudo seja possível, certamente cremos, repetimos isso continuamente quando o definimos como “Onipotente”, mas que neste “tudo” esteja compreendido o que pedimos, que neste “tudo” esteja compreendida também a mudança de nossos corações, de nossos sentimentos, sobretudo com relação a nossos inimigos, que no “tudo” esteja compreendida a mudança do irmão ou irmã que nos parece incorrigível, isso temos dificuldade em acreditar. E é aí que nos falta a fé. Não é tanto da existência de Deus que duvidamos; não é tanto que Ele seja onipotente, Criador de todas as coisas que duvidamos. Duvidamos que este Deus onipotente possa mudar um pequeno coração de pedra, uma pequena circunstância que é difícil para nós, uma relação em que não circula o amor, pensamentos em que não habita a verdade. Aí temos muita dificuldade em crer que tudo seja possível a Deus. É absurdo, mas é assim!

Maria, ao contrário, não tem necessidade de provas: crê imediatamente que a onipotência de Deus tenha podido tornar fecundo o seio de uma mulher anciã e estéril.

Sim, a grande onipotência de Deus pode e quer curar também nossa liberdade, nosso coração. E esta é no fundo Sua primeira obra, a primeira novidade, que só Ele pode fazer, pela qual vamos ao seu encontro pela manhã, pela qual vamos apressadamente à “Obra de Deus” da primeira oração e para a qual estimulamo-nos mutuamente. Porque, se Deus muda nosso coração, se faz novo nosso coração, todo o dia será novo, será cheio de luz, de beleza, de bondade; toda realidade será nova, feita nova por obra de Deus.

Como diz o Senhor através do profeta Ezequiel:

“Eu vos darei um coração novo, colocarei em vós um espírito novo, tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei o meu espírito em vós e vos farei viver segundo meus preceitos e vos farei observar e por em prática as minhas leis.” (Ez 36,26-27)

A novidade da carne com relação à pedra é que a carne humana não é fruto da sedimentação dos minerais, porém criatura modelada diretamente por Deus e animada pelo seu sopro vital (cf. Gn 2,7). A passagem de Ezequiel descreve como que uma nova criação de Adão em nós. Deus nos dá um coração feito por Ele e animado por seu Espírito, um coração capaz de fazer Sua vontade, isto é, operar como Deus opera, fazer o que Deus faz ou quer fazer através de nós no mundo.

A liberdade é recriada para que a obediência a Deus não seja mais para o homem um constrangimento, mas como uma fonte que brote do coração, uma escolha que o coração sabe exprimir. O coração não é mais só uma pedra sobre a qual estão escritos os dez mandamentos, mas o coração de uma pessoa que vive as leis de Deus, que as faz suas, que adere com amor à vontade do Pai. A liberdade de Deus torna-se interior ao homem, torna-se liberdade do homem. É como se o coração do homem se tornasse fonte espontânea da vontade de Deus, da obra de Deus nele e no mundo.

A grande obra de Deus, a grande coisa nova que Deus faz em nós é a conversão de nosso coração, da nossa liberdade.

É a obra mais urgente não só para nós, mas para o mundo inteiro. A passagem de Ezequiel sobre a transformação do coração de pedra em coração de carne, que na Liturgia é utilizada inclusive como cântico, é precedida por um versículo que frequentemente não é citado, mas que nos faz compreender o alcance universal da conversão de nosso coração: “Diz o Senhor Deus: ‘Santificarei o meu grande nome, profanado entre as nações, profanado por vós em meio a elas. Então as nações saberão que eu sou o senhor – oráculo do Senhor Deus –, quando mostrar minha santidade em vós diante de seus olhos.’” (Ez 36,23)

Recordou-o recentemente o Papa Francisco com sua “Carta ao Povo de Deus” que chama todos os fiéis à oração e à penitência pelas graves faltas de bom testemunho por parte dos membros da própria Igreja, por exemplo com o escândalo dos abusos. Sim, frequentemente somos nós, cristãos, religiosos, sacerdotes, bispos que, como diz Ezequiel, profanamos o Nome de Deus, isto é sua Presença amante e salvífica, em meio às nações, em meio ao mundo. Os membros da Igreja, chamados a transmitir a presença e o dom de Cristo Redentor do homem, são, ao contrário, um escândalo, um obstáculo a aderir a Ele, a acolher a Salvação que Ele oferece a todos por sua Cruz.

Mas Deus não nos diz: “Basta, por meio de vós não posso fazer nada de bom! Transmitirei minha salvação através de outros, ou por outro modo que não a Igreja e seus ministros!” Não, Deus permanece fiel ao seu método de salvação do mundo, permanece fiel ao mistério de anunciar Cristo através da comunidade cristã, através do Corpo eclesial, e, portanto, humano, do Senhor. Sempre de novo Deus diz, como Ezequiel: “Então as nações saberão que eu sou o Senhor – oráculo do Senhor –, quando mostrar minha santidade em vós diante de seus olhos” (Ez 36,23b). Deus mostra sempre de novo ao mundo a santidade do seu Nome através daqueles que, contudo, profanaram Sua presença em meio às nações.

Que método estranho! Que método absurdo tem Deus para tornar-se presente, para fazer-se conhecer sempre de novo!

Mas foi sempre assim. Deus permaneceu fiel à escolha de seu povo Israel, apesar de todas as suas infidelidades; Jesus permaneceu fiel à escolha de seus apóstolos, à escolha de Pedro, apesar de todas as infidelidades, apesar de todos os abandonos e negações, apesar das contínuas faltas de fé dos seus discípulos. Mesmo Judas, Deus não o expulsou do grupo dos doze apóstolos: foi ele que abandonou Jesus, foi ele que escolheu não pertencer mais ao âmbito de sua vocação e missão. Que mistério!

Mas antes, precisamente as infidelidades, precisamente o fato que os discípulos são os primeiros a trair e mostrar falta de coerência e de fé, precisamente através de tudo isso Deus os torna instrumentos para manifestar-se ao mundo. Como? “Mostrarei minha santidade em vós!”, diz o Senhor. E como ocorre isto? Recriando seu coração, refazendo-o humano, feito por Deus como Adão, este coração petrificado pela infidelidade, pela falta de fé, pela corrupção. Deus manifesta em nós diante do mundo sua santidade com o dom do Espírito que converte nossos corações. A conversão do coração é a grande manifestação da Presença santa e onipotente de Deus no mundo.

Entendemos então que a conversão do coração na vivência da vida monástica que São Bento nos pede para prometer solenemente com o voto de “*conversatio morum*” (cf. RB 58,17), é a grande obra missionária, a missão fundamental em meio ao mundo que Deus nos confia, como confia a todo cristão, em todo estado de vida.

Quando Jesus inicia sua missão clamando: “Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo!” (Mt 4,17), no fundo, chama a todos a tornar-se missionários do Reino, a tornar-se, em meio às nações, o sinal de que Deus nos salva convertendo os corações. Quem acolhe a graça e a tarefa da conversão torna-se testemunha de que o Reino dos Céus está próximo, isto é, manifesta a presença salvífica e santificante de Deus no mundo. E isto é hoje mais urgente que nunca. E por isso Deus nos chamou, nos deu uma vocação. Não devemos viver nossa vocação por nenhum outro motivo a não ser por este, por nenhum outro fim a não ser manifestar a santidade de Deus acolhendo a conversão do coração que o Espírito quer operar em nós.